

Relato de experiência sobre a casa-exposição “Nem Tão Doce Lar”, realizada em São Luís, no Maranhão, a partir de um olhar comunicacional¹

Sofia Castro Marques²

Ana Carolina Rabelo de Lima Cavalcanti³

Larissa Maria dos Santos Baia⁴

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a casa-exposição “Nem Tão Doce Lar”, promovida em São Luís pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), em parceria com a Igreja de Confissão Luterana de São Luís. A ação teve como objetivo ampliar o debate sobre a violência doméstica e familiar a partir de uma perspectiva crítica e acessível à comunidade. A análise parte de uma abordagem comunicacional baseada em Sodré (2014) e utiliza a observação participante como metodologia central, buscando compreender as discussões geradas pela exposição. O referencial teórico é sustentado pelas contribuições de Butler (2020), Hooks (2018) e Gonzalez (2020), que orientam uma leitura interseccional das relações de gênero, religião e poder. A experiência proporcionou às autoras a vivência direta da proposta metodológica do projeto, refletindo sobre os desafios e potencialidades de discutir gênero e violência doméstica dentro de uma instituição religiosa de orientação evangélica, situada no contexto sociocultural do Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Violência Doméstica e Familiar; Espaço Religioso. Gênero. Processo de vinculação social.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica segue sendo uma das mais graves formas de violação dos direitos humanos e está estruturada em relações de poder atravessadas por marcadores como gênero, classe e raça. Em contextos periféricos e religiosos, a complexidade se

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Religiões, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Graduanda em Comunicação Social - Relações Públicas na Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora Voluntária do grupo ETC. Email: sofia.cm@discente.ufma.br

³ Graduanda em Comunicação Social - Rádio TV Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora Voluntária do Grupo ETC. Email: ana.crlc@discente.ufma.br

⁴ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora e membro do Grupode Pesquisa ETC. E-mail: baia.larissa@discente.ufma.br

amplia e exige estratégias específicas de enfrentamento que considerem essas interseccionalidades. Nesse cenário, destacam-se os discursos religiosos como elementos que precisam ser analisados com atenção, tendo em vista que podem ser tanto instrumentos de silenciamento quanto de mobilização social.

Ao considerar o contexto religioso, especialmente das igrejas pentecostais e neopentecostais, percebe-se a influência dos discursos patriarcais na construção de subjetividades femininas que tendem a se manter subjugadas a práticas de violência legitimadas por interpretações bíblicas (Machado, 2004). O enfrentamento à violência doméstica e familiar passa, então, por um trabalho intersetorial e pela ampliação de redes de apoio, que incluem profissionais do direito, da assistência social e da psicologia, para garantir que mulheres e pessoas violentadas tenham acesso à informação qualificada sobre seus direitos. Como aponta Carranza (2011), os discursos religiosos podem ser ressignificados e apropriados de forma crítica pelas próprias instituições e sujeitos religiosos, desde que se abram à escuta e ao diálogo com as políticas públicas de enfrentamento.

Nesse contexto, a exposição “Nem Tão Doce Lar”, realizada em São Luís (MA), em novembro de 2024, se apresenta como uma prática potente de sensibilização e debate sobre a violência doméstica e familiar, articulada por uma organização religiosa em parceria com movimentos sociais e instituições públicas. O projeto, que integra o campo da comunicação e da educação popular, cria uma imersão sensível nas experiências de mulheres em situação de violência e propõe a reconstrução de significados sobre o “lar” e a “família”, a partir de uma perspectiva crítica e interseccional. Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida pelas autoras, graduandas em Comunicação Social, durante a participação na exposição, e refletir sobre os sentidos produzidos no processo de sua realização e nos debates suscitados.

A partir dessa concepção, este relato de experiência busca: (1) refletir sobre como igrejas cristãs, especialmente em contextos periféricos, têm abordado a temática da violência doméstica e familiar, considerando o poder simbólico e prático que líderes religiosos exercem sobre os fiéis, o que pode, por vezes, reforçar ambientes violentos; (2) compreender de que maneira a exposição “Nem Tão Doce Lar”, promovida por uma instituição religiosa, tem tensionado esses discursos e incentivado que outros espaços —

religiosos, sociais e até mesmo o poder público — tratem o tema com responsabilidade, dentro e fora dos templos; e (3) analisar como os vínculos sociais e os valores que a exposição propõe e busca fortalecer podem contribuir para a consolidação de redes de apoio e proteção às mulheres em situação de violência, especialmente no contexto de São Luís.

O estudo, ainda, apoia-se nos referenciais teóricos de autoras como Butler (2020), Hooks (2018) e Gonzalez (2020), que contribuem para refletir sobre as construções de gênero, a violência e as desigualdades sociais, bem como sobre os atravessamentos raciais e religiosos. A metodologia adotada é qualitativa (Minayo et al., 1994), utilizando como procedimentos a pesquisa bibliográfica e documental, além da observação participante, realizada pelas autoras no processo de organização e execução da exposição.

CONTEXTO

Tendo em vista a importância dessa temática e os debates gerados a partir da exposição, pode parecer, à primeira vista, inusitado relacionar essas discussões com a área da Comunicação, para além de seu papel tradicional de informar ou de uma abordagem meramente funcionalista. No entanto, essa conexão torna-se pertinente quando compreendemos a comunicação como um processo de vinculação social. Com base no pensamento de Muniz Sodré (2014), é possível deslocar o olhar da comunicação como simples transmissão de mensagens para entendê-la como uma ciência que organiza as relações sociais. Nesse sentido, a comunicação torna-se fundamental na constituição de sujeitos, na formação de valores e na mediação dos modos de vida. Para Sodré (2014), é justamente essa capacidade de produzir vínculos e sentidos que define o objeto da comunicação: a vinculação social.

Dessa maneira, adotar uma perspectiva comunicacional para relatar a experiência na exposição “Nem Tão Doce Lar” nos permite refletir de forma mais ampla sobre os contextos nos quais ela está inserida, assim como sobre as vivências e valores presentes nas relações que ela mobiliza.

Desde sua criação, o projeto já percorreu mais de 95 municípios em 15 estados e no Distrito Federal, promovendo oficinas formativas com mais de cinco mil pessoas, entre servidores públicos, movimentos sociais, organizações da sociedade civil e lideranças religiosas (FLD, 2025). Em São Luís, a exposição foi promovida pela

Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, em parceria com a Casa da Mulher Brasileira, a Faculdade Edufor, o grupo ETC/UFMA, o CRESS 2ª Região e a Defensoria Pública do Maranhão (Lima, 2024). A casa-exposição foi montada em dois espaços distintos – a Faculdade Edufor e a Igreja Luterana –, e os cenários foram adaptados com elementos culturais locais, como a matraca do bumba-meu-boi, criando conexões simbólicas com o território.

O projeto “Nem Tão Doce Lar” propõe uma metodologia de intervenção coletiva para o enfrentamento da violência doméstica e familiar, que muitas vezes está naturalizada nas relações sociais e na vida cotidiana (FLD, 2025). Seu objetivo é sensibilizar, provocar debate e mobilizar diferentes setores da sociedade em torno da causa, com foco na promoção de políticas públicas, no fortalecimento de redes de apoio e na formação de grupos sociais diversos. O nome da exposição é uma provocação à expressão “Lar doce lar”, como forma de questionar a idealização do ambiente doméstico como espaço de amor e acolhimento, quando, por vezes para as mulheres, ele é um local de dor e opressão (FLD, 2025).

A ambientação da exposição buscou reproduzir um lar típico maranhense, com objetos comuns do cotidiano, como redes, camas, utensílios de cozinha, roupas e brinquedos, para criar uma experiência imersiva que provocasse a reflexão do público visitante. Em cada cômodo da casa, havia elementos que denunciavam sutilezas da violência doméstica, como um caderno com frases depreciativas, uma calcinha rasgada no banheiro ou uma panela amassada na cozinha, indicando sinais de agressão e conflito. A proposta era justamente desnaturalizar a violência e mostrar como ela pode estar presente de forma silenciosa nos espaços mais íntimos e afetivos.

A equipe de organização da exposição contou com uma diversidade de profissionais e voluntários, entre assistentes sociais, comunicadoras, advogadas e lideranças religiosas, o que permitiu uma atuação interdisciplinar e sensível às diferentes demandas do público. As autoras deste relato participaram do apoio à comunicação do projeto, auxiliando na programação, divulgação e cobertura das ações, sob a coordenação da mestra em comunicação social Larissa Baia. A vivência evidenciou a potência da comunicação como estratégia de mobilização social e permitiu compreender como os sentidos são produzidos nas interações entre os sujeitos e os

espaços, evidenciando a proposta de construir outras forma de pensar sobre a temática dentro do espaço religioso.

Durante a exposição, foram utilizados diferentes recursos de mobilização, como cartazes, vídeos, panfletos, plataformas digitais e rodas de conversa, sempre com cuidado para garantir uma linguagem acessível, acolhedora e segura, especialmente para crianças e adolescentes. A experiência de escuta foi valorizada, e o impacto da ação pôde ser percebido nas reações emocionais do público, que variavam entre o silêncio reflexivo, o choro e os relatos de experiências pessoais. A presença da Igreja como promotora do evento também gerou surpresa e acolhimento, especialmente entre mulheres evangélicas que se sentiram à vontade para compartilhar suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na concepção de comunicação como constituição do sujeito, proposta por Muniz Sodré (2014), as autoras compreendem que a exposição se configurou como uma prática simbólica de deslocamento e construção de diferentes valores e sentidos, que contribuiu para o enfrentamento da violência doméstica e para a construção de novos sentidos sobre o papel da fé na vida das mulheres. Ao partir de uma organização religiosa evangélica, o projeto rompe com estigmas e propõe uma escuta atenta às experiências das mulheres, reforçando a importância de uma Igreja comprometida com a justiça social e com a dignidade da vida.

Por fim, cabe destacar que, em muitos contextos evangélicos conservadores, o conceito de gênero ainda é visto como uma ameaça à fé cristã, sendo frequentemente rejeitado e associado a uma suposta “ideologia” que contradiz os princípios bíblicos. Butler (2024) chama atenção para a forma como os discursos antigênero produzem hostilidade, criando barreiras que dificultam o avanço de pautas fundamentais, como o combate à violência doméstica. Nesse mesmo sentido, Gonzales (2020) analisa como determinadas lideranças religiosas, ao adotarem uma leitura moralista e rígida das Escrituras, contribuem para a manutenção de estruturas patriarcais e para o silenciamento de mulheres em situação de violência, legitimando práticas de submissão e de obediência como virtudes cristãs. Diante desse cenário, iniciativas como a exposição “Nem Tão Doce Lar” tornam-se ainda mais relevantes por promoverem escuta, acolhimento e mobilização a partir de dentro da própria Igreja, desafiando discursos que naturalizam a violência e assumindo um compromisso ético com a

transformação da realidade social. A exposição propõe não apenas o acolhimento das vítimas, mas também a reflexão sobre o papel dos espaços religiosos como ambientes de proteção, cuidado e denúncia. Assim, ela contribui para a construção de redes de apoio que fortalecem o enfrentamento da violência doméstica e familiar nos lares maranhenses, criando possibilidades concretas de acolhimento, escuta ativa e resistência dentro da própria fé.

Diante da experiência vivida, percebe-se que a temática ainda precisa ser amplamente trabalhada dentro da comunidade religiosa. Os próximos passos da pesquisa envolvem planejar ações que provoquem, para além da reflexão, a construção de políticas públicas concretas que enfrentem a violência doméstica de forma efetiva, em diálogo com o fazer comunicacional, os direitos das mulheres e os valores da igreja.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Tradução de Fernando Scheibe e Julia Bacha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. **Nem Tão Doce Lar**. Disponível em: <https://fld.com.br/nem-tao-doce-lar/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luíza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LIMA, Livia. **Alerta sobre violência doméstica é tema de exposição em São Luís**. Agencia Tambor. Disponível em: <https://agenciatambor.net.br/geral/alerta-sobre-violencia-e-tema-de-exposicao-em-sao-luis/>. Acesso: 29 de abril de 2025.
- MACHADO, MDC. **Pentecostais e neopentecostais: sociabilidade e subjetividade**. Estudos Avançados. 18(52), 121–138, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.